



IGREJA DE CRISTO INTERNACIONAL DE BRASÍLIA

ESCOLA BÍBLICA



MÓDULO I – O NOVO TESTAMENTO
AULA VII – O EVANGELHO DE JOÃO

ORIGEM

- O Evangelho de João é o mais incomum entre os quatro Evangelhos.
 - Embora lide com a mesma seqüência ampla de eventos encontrada nas páginas dos outros, ele é bem diferente em estrutura e estilo.
 - Ele não contém parábolas e somente sete milagres, dos quais cinco são inéditos.
 - Os discursos de Jesus são mais relacionados com sua própria pessoa do que com o ensinamento ético do Reino.
 - Entrevistas pessoais são multiplicadas e o relacionamento de Jesus para com indivíduos é mais privilegiado do que seu contato geral com o público.
 - O Evangelho é fortemente teológico e lida particularmente com a natureza da sua pessoa e com o significado da fé nele.
- Por causa das diferenças marcantes entre João e os sinóticos, sua veracidade tem sido questionada.
 - Tradicionalmente ele foi escrito por João, filho de Zebedeu, o último sobrevivente do grupo dos apóstolos, enquanto vivia seus últimos anos em Éfeso.
 - Embora esta opinião tenha sido atacada, ela permanece como uma hipótese melhor do que as outras que têm sido oferecidas.
 - Tão pouco é conhecido da Igreja no fim do primeiro século que é difícil construir o pano de fundo para este Evangelho.
- A evidência mais antiga de sua existência é encontrada em Papias, citado por Eusébio.
 - Nesta passagem, Eusébio diz que Papias fez alusão a um João que foi um dos apóstolos, e a um "senhor" João, que era discípulo de Jesus e foi seu contemporâneo.
 - Eusébio deduziu que eram duas pessoas diferentes e citou a existência de dois túmulos em Éfeso, e ambos eram ditos pertencerem a um João em seus dias.
 - Como os escritos de Papias não existem mais, não é possível avaliar se Eusébio se enganou ou não.
 - Possivelmente Eusébio o interpretou mal. Um apóstolo poderia também ser chamado de "senhor". De fato, Papias se referia a certas pessoas como "presbíteros" e "discípulos do Senhor", inclusive ao próprio apóstolo João.
 - Além disso, Papias poderia simplesmente querer dizer que enquanto a maioria dos apóstolos não sobreviveu ao testemunho oral deles, pelo menos um ou dois permaneceram vivos até seus dias como testemunhas do que Jesus falou e fez.
- A teoria de que o quarto Evangelho foi produto de algum presbítero desconhecido chamado João ao invés do apóstolo João, não pode ser considerada verdadeira.
 - Todos os testemunhos dos pais da Igreja do tempo de Irineu são esmagadoramente em favor da autoria do apóstolo João, entre eles os testemunhos de: Clemente de Alexandria (190 DC), Orígenes (220 DC), Hipólito (225 DC), Tertuliano (200 DC) e o fragmento de Muratori.

AUTOR

- Do próprio Evangelho certos fatos sobre seu autor podem ser obtidos.
 - Primeiro, ele era um judeu que estava acostumado a pensar em aramaico, embora o Evangelho tenha sido escrito em grego.
 - Poucas orações subordinadas aparecem no texto e com freqüência palavras em hebraico e aramaico são inseridas e então explicadas.
 - O autor era familiar com as tradições judaicas.
 - Em 1:19-28 ele se referiu à expectativa judaica de um messias que viria.
 - Ele conhecia o sentimento judeu com relação aos samaritanos (4:9) e a atitude exclusiva deles de adoração.
 - Ele era familiar às festas judaicas, as quais ele explicou cuidadosamente para os leitores.
 - Segundo, ele era um judeu nascido na Palestina.
 - Ele tinha um conhecimento pessoal da terra, especialmente de Jerusalém e seus arredores (9:7, 11:18, 18:1).
 - As cidades da Galiléia lhe eram familiares (1:44, 2:1) e também o território de Samaria (4:5-6, 21).
 - Ele parecia em casa no país que descrevia.
 - Ainda, ele foi uma testemunha dos eventos registrados.
 - Em 1:14 e 19:35 ele fala como estando presente durante os fatos.
 - Pequenos toques espalhados pelo Evangelhos confirmam esta impressão: 2:6, 4:6, 12:3,5, e os detalhes do julgamento de Jesus (cap. 18-19).

■ Quem foi o autor?

- Evidentemente ele estava com Jesus desde o começo de sua carreira, pois ele menciona episódios que antecedem o começo do ministério de Jesus.
 - Ele deve ter pertencido ao grupo de discípulos mencionados na narrativa.
 - De acordo com o capítulo final, ele deve ser relacionado ao "discípulo amado", que era próximo a Pedro e que esteve próximo de Jesus na última ceia (13:23), no julgamento (18:15-16), na cruz (19:26-27).
 - Somente alguém muito íntimo de Jesus estaria presente em tais circunstâncias.
 - Dos outros discípulos, Tiago foi morto cedo na história da Igreja (At 12:2). Pedro, Tomé e Filipe são mencionados muitas vezes na terceira pessoa e por isso não poderiam ser o autor.
 - Embora o autor não diz explicitamente que é ele, ele assume que seus leitores sabiam quem ele era e que eles aceitariam sua autoridade em assuntos sobre os quais ele escreveu.
 - João, o filho de Zebedeu, é a melhor possibilidade que resta.
- Assumindo que João realmente é o autor, as seguintes conclusões são estabelecidas:
- A biografia de João é fragmentada, como todas as outras biografias bíblicas.
 - Ele era um dos filhos de Zebedeu (Mc 1:19-20), pescador da Galiléia, e Salomé, que era provavelmente irmã de Maria, mãe de Jesus (Mt 27:56, Mc 15:40, Jo 19:25).
 - Ele cresceu na Galiléia e era sócio de seu irmão (Tiago) e de André e Pedro no negócio da pesca.
 - Ele deve ter pertencido primeiro ao grupo dos discípulos de João Batista e provavelmente era o companheiro de André mencionado em Jo 1:40.
 - Se isso for correto, ele acompanhou Jesus em sua primeira andança pela Galiléia (2:2) e mais tarde com seus companheiros largou o negócio da pesca para seguir Jesus. (Mt 4:21-22).
- Os episódios na vida de Jesus dos quais João participou são muito numerosos para serem listados e tratados separadamente.
- Ele estava com Jesus em Jerusalém durante o período inicial de seu ministério na Judéia.
 - Talvez a entrevista com Nicodemos aconteceu em sua casa.
 - Ele participou da missão dos doze (Mt 10:1-2).
 - Ele precisava dos conselhos de Jesus tanto quanto os outros doze, pois ele e Tiago pareciam ter um incomum temperamento forte.
 - Eles eram chamados por Jesus "filhos do trovão" (Mc 3:17).
 - A impaciência e truculência deles são reveladas nestas passagens: Lc 9:49, Lc 9:52-54, Mt 20:20-28).
 - Na última ceia João ocupou um lugar de privilégio e intimidade perto de Jesus (13:23).
 - No julgamento ele conseguiu permissão para entrar no pátio do grande sacerdote porque ele era conhecido da família (18:15-16).
 - Talvez ele fosse o representante dos negócios de pesca de seu pai e tinha contato com as pessoas mais importantes da cidade.
 - Aparentemente ele foi testemunha do julgamento e da crucificação e assumiu responsabilidade pela mãe de Jesus (19:26-27).
 - Ele ficou com Pedro durante o período negro de espera e com ele foi um dos primeiros visitantes ao túmulo vazio. Lá ele viu e creu (20:8).
 - O epílogo dá uma pista de que ele viveu um longo tempo depois do começo da era cristã, pois uma explicação de sua longa vida não seria necessária caso contrário.
 - Suas cartas mostram que assumiu uma posição de influência na Igreja e se tornou um expositor poderoso do amor de Deus revelado em Cristo.
 - Provavelmente ele morreu no fim do primeiro século.
 - Como Jesus amansou seu ardor e purificou sua violência incontida, João se tornou o apóstolo do amor, cuja devoção não foi excedida por nenhum outro escritor do Novo Testamento.
 - Mas a força de sua natureza aparece no vigor de sua linguagem. João reproduz o rigor de Jesus contra os incrédulos (8:44), quando ele os chama "filhos do Diabo" (I Jo 3:10).
 - Mas o mesmo homem disse: I Jo 4:7.
 - Os dois caracteres não são incompatíveis com sua natureza intensa.
 - João é um exemplo de um homem que pode ter sido um grande pecador, mas de quem Jesus fez uma grande testemunha.

DATA E LOCAL

- A data de escrita tem sido estimada entre 40 e 140 DC, ou até mesmo mais tarde.
- Ele não pode ter sido escrito depois do Diatessarão de Tacião, no qual ele foi incluído no meio do segundo século.
- A descoberta do fragmento de Rylands, que preserva uma parte de João 18:31-33, 37-38, mostra que este Evangelho era usado na primeira metade do segundo século.
- Goodenough argumenta que João pode ter sido escrito por volta de 40 DC, mas poucos estudiosos aceitam esta data.
- A melhor resposta parece ser que João foi escrito na Ásia Menor, possivelmente em Éfeso, por volta do fim do primeiro século, quando a Igreja já tinha atingido um certo grau de maturidade, e quando havia necessidade de um avanço no ensinamento sobre a natureza da fé.
- Ele foi aparentemente escrito em arredores gentis, pois as festas e usos dos judeus são explicados para o entendimento daqueles que não eram familiares com eles (2:13, 4:9, 19:31).

CONTEÚDO

- A chave para o Evangelho de João é a afirmação do próprio autor em 20:30-31.
- Três palavras são proeminentes nesta passagem: sinais, crença e vida.
- A primeira destas palavras é uma pista para a organização do Evangelho em torno de um número seletivo de milagres, paralelos àqueles encontrados nos sinóticos, mas chamados sinais aqui por causa do significado especial neste Evangelho.
 - Sete foram realizados publicamente por Jesus em outras pessoas ou para o benefício de outras pessoas.
 - Eles ilustram diferentes áreas do seu poder e coletivamente dão testemunho para a doutrina central do Evangelho, sua santidade.
 - Eles podem ser classificados como se segue:

Título	Passagem	Área de Poder
A mudança da água em vinho	2:1-11	Qualidade
A cura do filho do oficial do rei	4:46-54	Espaço
A cura do homem paraplético	5:1-9	Tempo
Alimentando os cinco mil	6:1-14	Quantidade
Andando na água	6:16-21	Leis da física
A cura do homem cego	9:1-12	Infortúnio
A ressurreição de Lázaro	11:1-46	Morte

- Estes sete milagres aconteceram precisamente nas áreas nas quais o homem é incapaz de efetuar qualquer mudança das leis ou condições que afetam sua vida.
- Nestas áreas Jesus provou ser potente onde o homem é impotente, e as obras que ele realizou testificam sua habilidade sobrenatural.
- A segunda palavra, crença, é a palavra chave do Evangelho, aparecendo 98 vezes, sendo que algumas vezes é traduzida como confiança (2:24).
 - Usualmente significa aceitação de uma reivindicação pessoal ou se refere a completo compromisso do indivíduo para com Cristo.
 - Nela está o completo significado de toda a vida de Jesus.
 - João define a crença em Jesus como o recebimento dele (1:12), fazendo-o parte da vida.
 - Convencido pelos sinais, que são provas do poder de Jesus, quem crê logicamente se moveria para uma fé estabelecida.
- A terceira palavra importante no Evangelho é vida.
 - Na linguagem de João, é a soma total de tudo o que é concedido àquele que crê em sua salvação.
 - É a experiência mais elevada da qual a humanidade é capaz.
 - "Esta", disse Jesus, "é a vida eterna, que eles te conheçam, o único Deus verdadeiro" - 17:3.
 - Vida, na linguagem de João, não é apenas a vitalidade animal ou o curso da existência humana. Ela envolve uma nova natureza, uma nova consciência, interação com o meio, e desenvolvimento constante.
 - Cristo é apresentado como o exemplo desta vida que é presente de Deus para o cristão e objetivo de Deus para o cristão.
- Estas três palavras, sinais, crença e vida, provêm organização lógica para o Evangelho.
 - Nos sinais está a revelação de Deus. Na crença está a reação esperada aos sinais. Na vida está o resultado que a crença traz.

ESBOÇO

■ O desenvolvimento do tema central da crença aparece no esboço do Evangelho.

JOÃO: O EVANGELHO DA CRENÇA	
1 O Prólogo O tema estabelecido: crença	1:1-18
2 O Período de consideração A apresentação do objeto da crença O testemunho de João O testemunho das obras de Jesus O testemunho das obras de Jesus	1:19- 4:54 1:19-51 2:1-22 2:23-4:54
3 O Período de controvérsia As facetas da crença e da descrença Apresentadas em ação Apresentadas em argumentação Apresentadas em demonstração Apresentadas em discurso	5:1- 6:71 5:1-18 5:19-47 6:1-21 6:22-71
4 O Período de conflito O choque da crença e da descrença O conflito descrito Os irmãos de Jesus Com a multidão A mulher pega em adultério Com os fariseus e os judeus O conflito ilustrado Pelo homem cego Pelo discurso sobre o curral das ovelhas Pela discussão Pela ressurreição de Lázaro	7:1- 11:53 7:1 – 8:59 7:1 – 9 7:10 – 52 7:53 – 8:11 8:12 – 59 9:1 – 11:53 9:1 – 41 10:1 – 21 10:22 – 42 11:1 – 53
5 O Período de crise A declaração de crença e descrença	11:54-12:36a
6 O Período de conferência O fortalecimento da crença Transição Conferência com os discípulos Conferência com o Pai	12:36b-17:26 12:36b-13:30 13:31-16:33 17:1-26
7 O Período de consumação A vitória sobre a descrença A traição O julgamento diante de Pilatos A crucificação O sepultamento A ressurreição	18:1-20:31 18:1-27 18:28-19:16 19:17-37 19:38-42 20:1-29
8 Epílogo As responsabilidades da crença	21:1-25

- O esboço do Evangelho é simples. Do começo até o fim o tema da crença é seguido consistentemente.
- Além disso, o Evangelho não é uma tentativa de impor uma organização artificial sobre fatos existentes.
- O escritor inspirado selecionou certos episódios e ensinamentos que representam o caráter e o progresso da revelação de Deus em Cristo (1:19), e os arranjou de maneira a levar seu leitor ao longo da corrente de movimento espiritual em direção a uma confissão ativa de fé em Cristo.

1. O Prólogo – 1:1-18

- O prólogo começa usando o termo “Palavra” para introduzir a pessoa de Jesus.
 - Este termo é diferente de outros usados nos outros Evangelhos, pois não possui nenhum significado religioso por si mesmo.
 - O termo “Cristo” (em hebraico, Messias) é judaico, “Senhor” é gentil, “Jesus” é humano.
 - Mas “Palavra” (em grego, Logos) é filosófico: João faz do assunto de seu Evangelho uma figura universal, a encarnação da Razão Eterna, que é Deus, que veio de Deus, e que revela Deus como um filho revela um pai.
 - Ele deve ser compreendido por aqueles que o recebem (1:12) e o conflito entre quem o recebe e quem não recebe é comparado ao conflito entre luz e trevas.

2. O Período de Consideração – 1:19 – 4:54

- Este período apresenta a pessoa da Palavra que se tornou carne, à medida que ele aparece aos seus contemporâneos e é recebido por eles.
- Primeiro ele é proclamado pelo testemunho de seu precursor, João Batista, e em sua relação com os discípulos de João.
- Sua missão essencial, “O Cordeiro de Deus” (1:29) e seu método de apelar às necessidades e desejos de seus futuros discípulos o conectam com a revelação e a história precedente.
 - Ele usou a pregação de João e as escrituras proféticas do Velho Testamento para estabelecer sua posição.
- Nas obras que realizou, ele demonstrou seu poder inerente sobre coisas, homens e instituições (2:1-22).
- As entrevistas que se seguiram foram cheias de manifestações da sua suficiência para todos os homens.
 - Ele ensinou o polido professor judeu Nicodemos, a cínica mulher samaritana de língua afiada e o inoportuno oficial da Galiléia, provavelmente um gentil.
 - Todos foram direcionados à fé em Jesus por diferentes argumentos e métodos.
- Da apresentação pública de Jesus surgiu controvérsia, pois quando ele apelou aos homens para crerem nele, muitos recusaram. Ele não pediu uma fé cega ou irracional, pelo contrário, ele teve o cuidado de sempre apelar a fatos e de definir claramente um marco entre crença e descrença.

3. O Período de Controvérsia – 5:1 – 6:71

- A cura do homem no tanque inicia o período de controvérsia porque a cura foi no sábado.
 - Jesus indicou que sua ação era um exemplo do que seu Pai estava fazendo continuamente e então tacitamente reivindicou divindade como sua prerrogativa.
- Na discussão que se seguiu (5:19-47) ele debateu pela fé em si mesmo com base em cinco testemunhas: ele mesmo, o precursor, o Pai, as obras que ele realizou e as Escrituras.
- Os milagres do capítulo 6, de acordo com João, foram dirigidos principalmente a seus discípulos de forma a incutir neles um compromisso pela fé.
 - Estes milagres e os discursos que se seguiram são postos juntos, pois o discurso é somente a amplificação da verdade decretada pelos milagres.
 - O apelo à crença é muito forte nesta seção, como se Jesus estivesse desejoso de ter os discípulos comprometidos consigo antes que o calor da controvérsia pudesse aliená-los dele.

4. O Período de Conflito – 7:1 – 11:53

- Este período traz as tendências do período de controvérsia à sua crise lógica.
- A crescente, porém hesitante fé dos discípulos, é contrastada com o cinismo dos irmãos de Jesus, com a submissão vacilante da multidão confusa e com a oposição venenosa da hierarquia judaica.
- A avaliação de Jesus do conflito aparece na história do homem cego, quando ele expressa a necessidade de fazer as obras de Deus enquanto ele ainda tinha oportunidade, e também na ressurreição de Lázaro, que ele observa como um teste supremo de fé e como prova máxima de seu poder.
 - O material discursivo incluído entre estes dois milagres no décimo capítulo é a última declaração pública extensa de Jesus de sua missão.
 - Ele declara o propósito de sua morte tão claramente quanto ele fez sua elocução aos discípulos em Cesaréia de Filipe, que é registrada nos sinóticos. O final do conflito é predito em suas palavras: “eu dou a minha vida para retomá-la” (10:17).

5. O Período de Crise – 11:54 – 12:36a

- Neste período aparecem as várias tensões que o conflito criou.
- Jesus se retirou de Jerusalém e suas redondezas para Efraim, de maneira a poder estar fora do centro da turbulência.
- Os sentimentos de seus amigos foram abertamente declarados pela família de Betânia, que deu um jantar em sua honra (12:1-2).
- A multidão de peregrinos, presente em Jerusalém para a festa da Páscoa, o reverenciou entusiasticamente (12:20-21).
- Jesus percebeu que a morte estava próxima e se retirou de contatos públicos (12:36). Destino divino, não voto popular, era o fator decisivo em sua vida.

6. O Período de Conferência – 12:36b – 17:26

- Até este ponto o ministério de Jesus era público, a partir daqui se tornou particular.
- Este período contém a instrução final para os discípulos depois da última ceia e também sua oração ao Pai.
 - A preparação dos discípulos para o choque da cruz e a notícia ao Pai que ele tinha terminado seu trabalho concluiu o ministério terreno de Jesus.

7. O Período de Consumação – 18:1 – 20:31

- Este período traz o cumprimento dos dois princípios opostos de crença e descrença.
- Na traição e na crucificação a descrença foi desmascarada.
 - A fraqueza de Pedro, a traição de Judas, a malícia invejosa dos sacerdotes e a covardia de Pilatos mostram como a descrença alcança seu fim.
 - Do outro lado, a constância do discípulo amado e da mulher e a generosa ação de José e Nicodemos mostram como mesmo uma fé imperfeita e não instruída pode manter lealdade apesar da desorientação e perigo.

8. Epílogo – 21:1 – 25

- A crucificação foi a justificação final da crença, assim como a justificação da revelação de Jesus, Filho de Deus.

ÊNFASE

- O Evangelho de João tem várias características especiais que fortalecem a apresentação de seu tema principal.
- As reivindicações de Jesus são estabelecidas em sete "EU SOU":

1	O pão da vida	6:35
2	A luz do mundo	8:12, 9:5
3	A porta (do curral das ovelhas)	10:7
4	O bom pastor	10:11, 14
5	A ressurreição e a vida	11:25
6	O caminho, a verdade e a vida	14:6
7	A videira verdadeira	15:1

- João enfatiza a relação pessoal de Jesus com o homem.
- Vinte e sete entrevistas são relatadas, algumas são extensas, outras são breves.
- Entre estas entrevistas estão incluídas passagens que poderiam ser classificadas de outra maneira, como o milagre do filho do oficial (4:46-54) ou o julgamento diante de Pilatos (18:28-19:16).
- Em ocasiões como estas o interesse de Jesus no indivíduo sobressai, ao invés da ação em si.
 - Nos sinóticos, por exemplo, o julgamento diante de Pilatos é um aspecto importante do encerramento da vida de Jesus, enquanto que no Evangelho de João o interesse pessoal de Jesus em Pilatos e seu esforço para trazer Pilatos a um reconhecimento de suas reivindicações são muito mais evidentes.
- O vocabulário de João é tão incomum que somente um versículo ou dois deste Evangelho, citado fora do contexto, é facilmente reconhecido.
 - Certas palavras chave são repetidas constantemente, não porque o autor é limitado no escopo de pensamento, mas porque as verdades centrais do Evangelho, como diamantes, precisam ser vistas pelo ângulo de cada faceta.
 - Alguns desses termos como "vida", "luz", "trevas", "obra", "crença", "carne", "hora" podem ter significado figurativo ou um significado técnico especial.
 - Outros são abstratos e de algum modo filosóficos: "verdade", "verdadeiro", "ódio", "receber", "amor" (dois verbos diferentes em grego), "retirar", "enviar", "começo",

“conhecer” (dois verbos diferentes em grego), “glória”, “glorificar”, “testemunho”, “testemunhar”, “suportar”, “o Pai”.

- João mostra por estas palavras que o ensinamento sobre a vida cristã já tinha se cristalizado em certos conceitos definitivos e que eram expressos numa fraseologia fixa, e que naquela época, como hoje, representavam um novo padrão completo de verdade espiritual.
- O Evangelho de João enfatiza a divindade de Jesus Cristo, o Filho de Deus.
 - Nenhum outro Evangelho retrata mais claramente sua humanidade nem estabelece tão diretamente as prerrogativas de divindade: “A Palavra era Deus” (1:1), “Eu e o Pai somos um” (10:30), “Antes de Abraão ter nascido, Eu sou” (8:58), “Quem me vê, vê o Pai” (14:9) e a exclamação de Tomé “Meu Senhor e meu Deus” (20:28).
- João também enfatiza a humanidade de Jesus.
 - Ele ficava cansado (4:6), com sede (4:7), impaciente (6:26), severo (8:44), comovido (11:35), apreciativo (12:7), angustiado (12:27), amoroso (13:1), leal (18:8), corajoso (18:23).
 - Para seus contemporâneos que o encontraram casualmente ele era: “o homem que é chamado Jesus” (9:11).
 - Para aqueles que conviveram com ele, ele se tornou “o Santo de Deus” (6:69).

PROPÓSITO

- O propósito deste Evangélico é apologético.
- Todos os Evangelhos foram escritos para inculcar fé naqueles que os lêem.
- Este Evangelho foi planejado para aqueles que já tinham alguma predileção filosófica, como mostra o Prólogo, e que estavam buscando resposta para o pedido de Filipe (14:8).
- É possível que João tenha escrito seu Evangelho como uma tentativa de suplementar o que existia nos sinóticos, embora não se possa ter certeza que ele os tivesse lido.
- Contudo, a omissão completa do ministério de Jesus na Galiléia, a ausência quase total das parábolas, a referência à seletividade dos milagres (20:30) e o complemento de alguns dados de João com aqueles dos sinóticos, nos faz sentir que o autor estava tentando dar ao público informação nova que não tinha sido escrita antes.
 - Por exemplo, na última ceia João descreveu a cena da lavagem dos pés e explicou como Jesus quis com isso dar uma lição de humildade. Embora tal lição seja útil para aplicação geral, João não mostra uma razão direta para a lição naquele momento.
 - Contudo, Lucas conta que os discípulos estavam discutindo para saber quem era o maior (Lc 22:24) durante a ceia.
 - As narrações de João e Lucas se encaixam em sentido, como se João estivesse explicando como Jesus resolveu a situação narrada em Lucas.
- Alguns escritores têm argumentado que João fez uso dos sinóticos, particularmente Marcos, possivelmente Lucas, menos provavelmente Mateus.
- Parece que algumas passagens em João ajudariam a iluminar alguns fatos dos sinóticos, como, por exemplo, a presença constante de Jesus na Judéia, no Evangelho de João, completaria Lucas 4:44.

PERSONAGENS

- Uma peculiaridade deste Evangelho é o desenvolvimento de personagens separado por intervalos de texto.
 - Nicodemos (3:1-15, 7:50-52, 19:39), Filipe (1:43-46, 6:5-7, 14:8-11), Tomé (11:16, 14:5-6, 20:24-29), Maria e Marta (11:1-40, 12:2-8), Maria, mãe de Jesus (2:1-5, 19:26-27).
 - Estes e outros são mencionados naturalmente, e à medida que eles reaparecem em conexão com a narrativa principal e mesmo quando as alusões a eles são combinadas, facilmente eles fazem um retrato completo do personagem em questão.
 - De alguma maneira este procedimento acontece nos outros Evangelhos, mas eles se restringem a personagens proeminentes, como Pedro e Judas, enquanto o quarto Evangelho usa personagens proeminentes e personagens obscuros como exemplos de crença e descrença.